

Abbey Road, Londres, setembro de 1988

Estava a pensar que Jennifer Moreau me tinha proibido de descrever a beleza dela, quer a ela mesma quer a outras pessoas. Quando lhe perguntei por que razão me silenciava assim, ela respondeu: “Porque só tens palavras antigas para me descrever.” Matutava nisto quando pus o pé nas riscas pretas e brancas da passadeira, onde todos os veículos devem parar para que os peões possam atravessar. Um carro avançava em direção a mim, mas não parou. Tive de saltar para trás e caí sobre a anca, usando as mãos para me proteger da queda. O carro foi abaixo e um homem baixou a janela. Estava na casa dos sessenta e tinha cabelo prateado, olhos escuros e lábios finos. Perguntou se eu estava bem. Como não respondi, saiu do carro.

“Peço desculpa”, disse ele. “Quando avançou para a passadeira, abrandei, mas a seguir mudou de ideias e recuou para o passeio.” Os cantos das pálpebras tremiam-lhe. “E depois, sem mais nem menos, avançou bruscamente para a passadeira outra vez.”

Sorri perante aquela cuidadosa reconstituição da história, claramente narrada para o beneficiar. Ele olhou furtivamente para o carro, para verificar se tinha ficado amolgado. O espelho lateral estava estilhaçado. Entreabrindo os lábios finos, suspirou pesadamente, resmungando qualquer coisa sobre ter mandado vir aquele espelho de Milão.

Eu tinha passado a noite em claro, a escrever o texto de uma conferência sobre a psicologia dos tiranos do sexo masculino; começava contando como Estaline namoriscava com as mulheres à mesa de jantar atirando-lhes pão. Estas notas, cerca de cinco folhas, tinham caído do meu saco de couro a tiracolo, juntamente com, para grande vergonha minha, uma embalagem de preservativos. Comecei a recolher estas coisas. Havia um objeto retangular pequeno e achatado na rua. Reparei que o condutor olhou para os nós dos meus dedos quando lhe entreguei este objeto, que estava morno e parecia vibrar na palma da minha mão. Como não era meu, parti do princípio de que lhe pertencia. O sangue escorria-me entre os dedos. Tinha as palmas da mão arranhadas e a mão esquerda ferida nos nós dos dedos. Chupei o sangue enquanto ele me observava, claramente preocupado.

“Precisa de boleia para algum lado?”

“Não vale a pena.”

Ofereceu-se para me levar a uma farmácia, para “limpar a ferida”, nas palavras dele. Quando disse que não com a cabeça, ele estendeu a mão e tocou-me no cabelo, o que foi estranhamente reconfortante. Perguntou-me como me chamava.

“Saul Adler. Ouça, é só um arranhãozinho. Tenho pele sensível. Sangro sempre muito, isto não é nada.”

Ele tinha o braço esquerdo numa posição estranha, amparado pelo braço direito. Apanhei os preservativos e guardei-os no bolso do casaco. Estava vento. As folhas antes acumuladas em pequenos montes debaixo das árvores dispersavam-se pela rua. O condutor explicou-me que havia um desvio de trânsito por causa de uma manifestação em Londres, mas tinha ficado sem saber com certeza se Abbey Road estaria cortada. A sinalização do desvio de trânsito não era clara. Ele não percebia por que razão estava tão confuso visto que passava muitas vezes naquela zona para assistir ao críquete em Lord’s Cricket Ground, ali perto. Enquanto falava, observava o objeto retangular que tinha na mão.

O objeto falava. Havia inequivocamente uma voz lá dentro, masculina, que dizia qualquer coisa zangada e ofensiva. Ambos fingimos não ouvir as palavras.

Vai-te foder odeio-te não voltes para casa

“Quantos anos tem, Soorl? Sabe dizer-me onde mora?”

Refleti que aquela quase-colisão tinha deixado o condutor realmente abalado.

Quando lhe respondi que tinha vinte e oito anos, ele, incrédulo, perguntou-me outra vez a idade. Pronunciou o meu nome de modo tão afetado, que se diria que alguém lhe tinha inserido uma pedra entre o céu da boca e o lábio inferior. Usava o cabelo prateado penteado para trás com um produto que o tornava brilhante.

Foi a minha vez de lhe perguntar como se chamava.

“Wolfgang”, respondeu muito depressa, como se não quisesse que me lembrasse.

“Como Mozart”, retorqui. A seguir, como uma criança a mostrar ao pai onde se tinha magoado depois de cair do baloiço, apontei para os nós dos dedos feridos, repetindo várias vezes que estava tudo bem. O tom preocupado dele começava a fazer-me chorar. Desejei que se metesse no carro, se fosse embora e me deixasse em paz. É possível que as lágrimas tivessem a ver com a morte recente do meu pai, apesar de o meu pai nunca andar tão bem-arranjado nem ser tão amável como este Wolfgang de cabelo prateado e brilhante. Para o apressar, expliquei que a minha namorada devia estar a chegar, por isso ele podia ir. Aliás, ela ia tirar-me uma fotografia a atravessar a passadeira como a do álbum dos Beatles.

“Que álbum é esse, Soorl?”

“Chama-se *Abbey Road*. Toda a gente conhece. Por onde tem andado, Wolfgang?”

Riu-se, mas com ar triste. Talvez por causa das palavras ofensivas que tinham saído do objeto a vibrar que ele tinha na mão.

“E quantos anos tem a sua namorada?”

“Vinte e três. Aliás, *Abbey Road* foi o último álbum que os Beatles gravaram juntos nos estúdios da EMI, que ficam mesmo ali.” Apontei para um edifício branco e grande do outro lado da rua.

“Claro, eu sei”, disse ele em tom triste. “É quase tão famoso como o Palácio de Buckingham.” Regressou ao carro, murmu-

rando: “Tenha cuidado, Soorl. É uma sorte ter uma namorada tão jovem. Já agora, o que faz?”

Estes comentários e perguntas começavam a irritar-me — já para não falar do modo como ele suspirava, como se transportando todo o peso do mundo sobre os ombros daquele casaco bege de caxemira. Decidi não revelar que era historiador e que estudava a Europa de Leste comunista.

Foi um alívio ouvir o rugido animal do motor a acelerar quando regresssei ao passeio.

Tendo em conta que quase me tinha atropelado, se calhar ele é que devia ter cuidado. Disse-lhe adeus, mas ele não retribuiu o aceno. Quanto à juventude da minha namorada, eu só tinha mais cinco anos do que Jennifer, portanto não percebi o comentário. E para que queria ele saber a idade dela? Ou o que “faço”?

Não importa. Olhei para as notas que tinha na mão (ainda a sangrar), onde tinha escrito que o pai de Estaline era alcoólico e infligia maus-tratos à família. A mãe de Estaline inscreveu o filho num seminário grego ortodoxo para o proteger da violência do pai depois de este ter tentado estrangulá-la. A minha caligrafia não era fácil de decifrar, mas havia qualquer coisa sublinhada sobre o facto de depois Estaline punir as pessoas tanto pelos pecados inconscientes como pelos pecados conscientes — por exemplo, crimes de pensamento contra o partido.

Comecei a sentir dores na anca esquerda.

Tenha cuidado, Soorl. Obrigado pelo conselho, Wolfgang.

Regresssei às notas, já manchadas com o sangue dos nós dos dedos feridos. Josef Estaline (tinha escrito aquilo já a noite ia alta) sempre sentiu prazer em punir. Até com o seu próprio filho tinha um comportamento intimidatório — e tão cruel, que este tentou matar-se com um tiro. Também a mulher de Estaline tentou o mesmo, com mais sucesso do que o filho, que, ao contrário da mãe, sobreviveu para continuar a sofrer as intimidações do pai, uma e outra vez. Quanto ao meu falecido pai, não era propriamente um tirano abusivo. Dessa tarefa encarregava-se o meu

irmão, Matthew, sempre pronto para manifestações de crueldade. Como Estaline, Matthew atacava a sua própria família ou então esforçava-se por tornar a vida dos familiares tão infeliz, que eles próprios se viravam contra eles mesmos.

Sentei-me no muro junto aos estúdios da EMI enquanto esperava por Jennifer. Daí a três dias, partiria para a Alemanha Oriental, a RDA, para investigar na Universidade Humboldt a oposição cultural à ascensão do fascismo nos anos trinta. Apesar de eu falar alemão com alguma fluência, tinham destacado um tradutor para me acompanhar. Chamava-se Walter Müller. Estava previsto eu ficar em Berlim Leste durante duas semanas com a mãe e a irmã dele, que me tinham disponibilizado um quarto no apartamento onde moravam, perto da universidade. Em parte, tinha sido por causa de Walter Müller que eu quase fora atropelado na passadeira. Ele tinha escrito a dizer que a irmã, que se chamava Katrin — mas que a família tratava por Luna — era uma grande fã dos Beatles. Desde os anos setenta, havia autorização para os álbuns dos Beatles e de Bob Dylan serem vendidos na RDA, ao contrário do que sucedera nos anos cinquenta e sessenta, período em que o partido socialista alemão no poder considerava a música pop uma arma cultural de corrupção da juventude. Havia funcionários encarregados de examinar todas as letras antes de os álbuns saírem.

*Yeah yeah yeah.** Que poderia isto querer dizer? A que diziam eles sim?

A ideia de me tirar uma fotografia a atravessar a passadeira de Abbey Road para dar a Luna fora de Jennifer. Na semana anterior tinha-me pedido para lhe explicar todo o conceito da RDA, mas eu distraíra-me. Na altura, caramelizávamos amendoins na cozinha do apartamento dela, mas o açúcar estava a queimar. Era uma receita bastante complicada, segundo a qual se devia acrescentar

* Referência, que será recorrente ao longo do texto, ao famoso refrão da canção “She Loves You”, dos Beatles. (N. T.)